

Juventude Rural no Trabalho da Agricultura Familiar na Comunidade do Espírito Santo do Itá, Santa Isabel – PA

Juventud Rural en el Trabajo de Agricultura Familiar en la Comunidad Espírito Santo do Itá, Santa Isabel – PA

Rural Youth in the Work of Family Agriculture in the Espírito Santo do Itá Community, Santa Isabel - PA

Matheus Gabriel Lopes Botelho

Ruth Helena Cristo Almeida

Resumo: O presente estudo objetiva identificar os fatores que levam os jovens da comunidade do Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidirem ou não pela sucessão geracional na agricultura familiar, enfocando suas dificuldades e perspectivas em relação às atividades econômicas da comunidade. Tal estudo envolveu pesquisa de campo, revisão de literatura buscando levantar dados relativos à juventude da comunidade. Segundo os entrevistados, no processamento da farinha não ocorre divisão de tarefas por sexo, diferente das observações da pesquisa de campo, onde se observa claramente essa divisão – como o processo de descascamento, realizado pelas mulheres e a etapa de torração da farinha, feita por homens.

Palavras-chave: Juventude Rural. Agricultura Familiar. Sucessão Geracional. Mulheres.

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo identificar los factores que llevan a los jóvenes de la comunidad de Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidir o no por la sucesión generacional en la agricultura familiar, centrándose en sus dificultades y perspectivas en relación con las actividades económicas de la comunidad. Dicho estudio involucró investigación de campo, revisión de literatura que busca recopilar datos relacionados con la juventud de la comunidad. Según los entrevistados, en el procesamiento de la harina no existe división de tareas por sexo, a diferencia de las observaciones de la investigación de campo, donde se observa claramente esta división, como el proceso de pelado realizado por las mujeres y la etapa de tostado de la harina realizado por los hombres.

Palabras clave: Juventud Rural. Agricultura familiar. Sucesión generacional. Mujer.

Abstract: The present study aims to identify the factors that lead young people from the Espírito Santo do Itá community (Santa Isabel do Pará) to decide or not by the generational succession in family farming, focusing on their difficulties and perspectives in relation to the community's economic activities. Such study involved field research, literature review seeking to gather data related to the community's youth. According to the interviewees, in the flour processing there is no division of tasks by sex, unlike the observations of the field research, where this division is clearly observed, such as the peeling process carried out by women and the roasting stage of the flour made by men.

Keywords: Rural Youth. Family farming. Generational Succession. Women.

Matheus Gabriel Lopes Botelho – Engenheiro Agrônomo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: math.botelho2194@gmail.com

Ruth Helena Cristo Almeida – Doutora em Ciências Agrárias. Docente e Pesquisadora da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). E-mail: ruthpara79@gmail.com

INTRODUÇÃO

O conceito de juventude é um desafio para muitos, pois, como categoria social, a juventude e a maturidade possuem uma fronteira caracterizada como um jogo de lutas em todas as sociedades, uma vez que são muito variadas as divisões de classes por idade, pois são segmentações construídas socialmente (STROPASOLAS, 2006).

O Estado do Pará é referência nacional no processamento de subprodutos da mandioca (*Manihot esculenta*) em casas de farinha. Essas atividades são caracterizadas por serem familiares e repassadas de pais para filhos ao longo de gerações, definindo, dessa forma, um processo de sucessão que atende aos critérios de hereditariedade e parentesco, de acordo com o contexto rural (FERNANDES, 2017). De acordo com Ferreira (2019), as comunidades rurais na Amazônia são formadas por jovens que almejam dar continuidade às atividades agrícolas realizadas pelos pais, e por aqueles que desejam realizar o processo de migração para as cidades por motivos específicos, como a busca de qualificação profissional e continuidade aos estudos nos centros urbanos.

A decisão de permanência no campo ainda acontece por afinidade de realização das atividades produtivas no meio rural. Neste sentido, a sucessão geracional no meio rural é caracterizada pela formação de uma nova geração de jovens agricultores que se dedicam ao controle do estabelecimento agropecuário. Porém, a decisão de permanência destes no meio rural está relacionada a condições objetivas internas e externas ao estabelecimento rural. Dessa forma, a sucessão geracional pode ser compreendida como um processo de continuidade dos jovens agricultores nas atividades desenvolvidas pelos pais no meio rural. Logo, o trabalho na agricultura familiar é de extrema importância para o desenvolvimento de aprendizagem para a juventude rural que almeja preservar o trabalho no campo ao longo de gerações (DINIZ, 2013). Dessa forma, a continuidade da agricultura familiar está associada à disposição, dos jovens filhos dos agricultores familiares, em suceder seus pais, sejam eles homens ou mulheres. O processo do êxodo de jovens do rural para as cidades é um entrave para o desenvolvimento da agricultura familiar (BRUMMER *et al.*, 2005).

Até meados dos anos de 1970, o processo de sucessão entre gerações de agricultores acontecia devido à tradição cultural que deixava as mulheres da família à margem do processo, sendo a primogenitura ou minorato, filho mais velho ou filho mais novo, respectivamente, as prioridades de acesso à sucessão na unidade de produção. Porém, percebe-se que, nos tempos atuais, a sucessão geracional ainda está relacionada com a masculinização no campo, uma vez que os agricultores, em sua maioria, ainda possuem uma preferência de escolha pelos filhos homens para dar continuidade nas atividades rurais desenvolvidas pelos pais, pois a recorrência do patriarcado no meio rural é uma realidade, atribuindo culturalmente ao homem o papel produtivo e à mulher, o papel reprodutivo, caracterizado pelo cuidado com os filhos e a realização dos afazeres domésticos (KISCHENER *et al.*, 2015). A reprodução da agricultura familiar ocorre de forma endógena, sendo, tradicionalmente, um dos integrantes da família o sucessor da unidade produtiva (CARNEIRO, 2001; SPANEVELLO, 2008).

Nestes termos, o presente estudo possui como objetivo identificar os fatores que levam os jovens da comunidade do Espírito Santo do Itá (Santa Isabel do Pará) a decidirem ou não pela sucessão geracional na agricultura familiar, enfocando suas dificuldades e perspectivas em relação às atividades econômicas da comunidade. Com objetivos específicos: apresentar o perfil dos jovens da comunidade estudada; avaliar a participação dos jovens no processamento dos

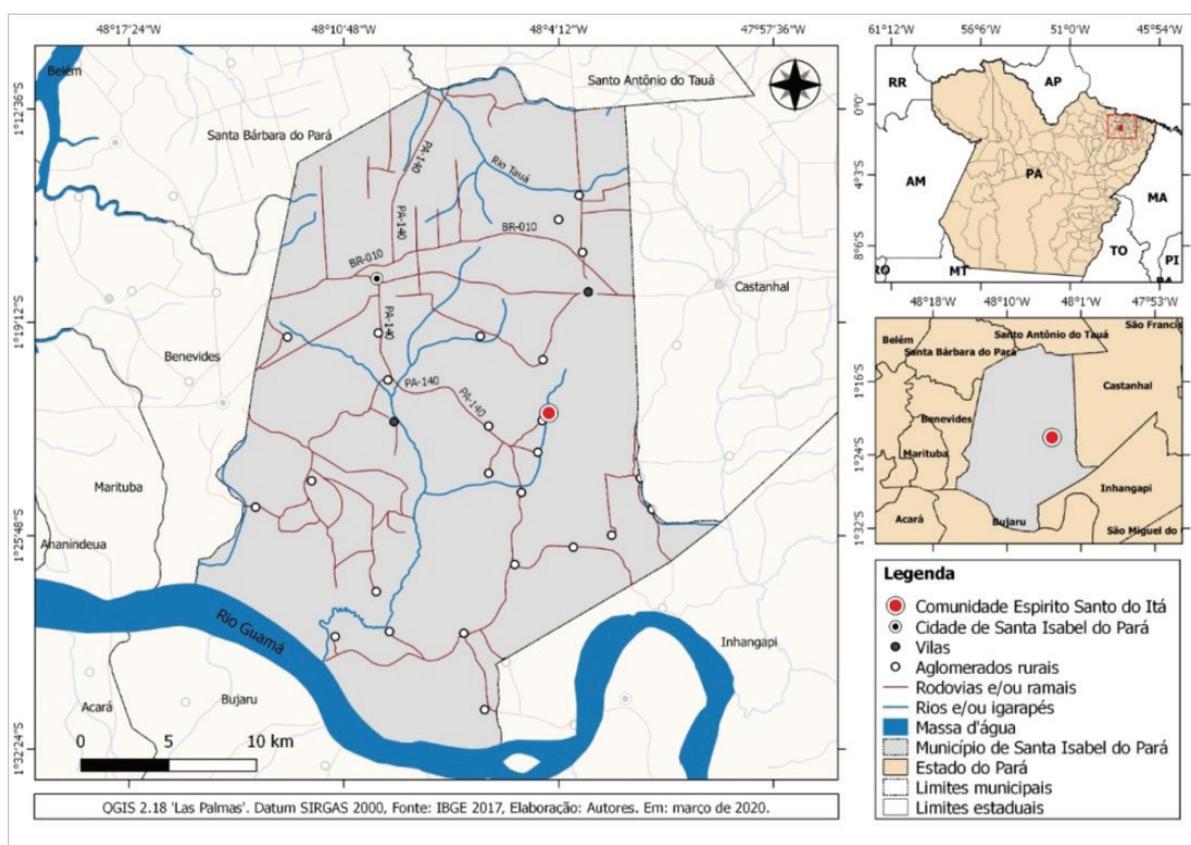
subprodutos da mandioca (*Manihot esculenta*) nas casas de farinha da comunidade; e levantar os principais motivos que levam os jovens da comunidade a decidirem pela permanência ou saída do campo e nas atividades econômicas familiares.

1. Material e Métodos

1.1. Área de Estudo

O trabalho foi realizado na comunidade do Espírito Santo do Itá, localizado a aproximadamente 20 km ao sul do município de Santa Isabel, nordeste do Estado do Pará, a 45 km da capital Belém. A comunidade possui as coordenadas geográficas entre o paralelo 1°22'0" S e meridiano 48°04'31" O (Figura 1). O principal acesso à área de estudo é realizado através das vias rodoviárias BR-316 e a rodovia estadual PA-140, realizando a integração das diversas localidades que existem na região (SALOMÃO, 2016).

Figura 1 - Mapa de localização da comunidade do Espírito Santo do Itá.



Fonte: Autores (2020).

1.2. Coleta de Dados

O estudo envolveu pesquisa de campo, buscando levantar dados relativos à juventude rural da comunidade, como: problemas enfrentados, formas de lazer, acesso aos meios de comunicação e outros fatores que possam contribuir para o entendimento dos processos de decisão da sucessão geracional nas atividades rurais, condizente com a pesquisa realizada por Ferreira (2019).

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada na forma de um questionário, sendo aplicado a 30 jovens, de maneira aleatória, e que residem na comunidade, resultando em 15 homens e 15 mulheres, de acordo com os objetivos do trabalho. O questionário foi composto por perguntas fechadas e abertas com opção de justificativa, para a obtenção de dados numéricos relativos aos principais tópicos abordados na pesquisa, mas também levando em consideração a percepção dos jovens entrevistados.

A classificação do que é ser jovem no Brasil é realizada, em sua maioria, a partir do quesito faixa etária. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) considera jovem aquele que possui idade entre 15 a 29 anos, assim como considera Golgher (2010). Porém, nesta pesquisa, considerou-se como mais relevante a faixa etária de juventude definida pelos atores locais da comunidade, de acordo com a percepção destes, juntamente com a realidade social que considera a categoria de juventude como sendo um grupo social que está muito além da definição marcada pela faixa etária, de acordo com Abramovay e Esteves (2007). A tabela 1 apresenta a percepção dos jovens da comunidade em relação à faixa etária de juventude onde a maioria dos entrevistados afirmou que o período de juventude é compreendido entre 10 a 25 anos de idade (53,4%), diferindo do que o IBGE classifica. Uma vez que, de acordo com a percepção dos mesmos, a juventude pode ser iniciada a partir dos 10 anos de idade, pois os jovens relataram que o processo de maturidade é alcançado desde cedo para os mesmos da comunidade, com a prematura geração de filhos e o precoce compromisso de trabalho nas atividades agrícolas.

Tabela 1 – Distribuição dos jovens entrevistados de acordo com a percepção dos mesmos em relação à faixa etária de juventude.

Faixa etária (anos)	Nº de jovens	%
10 -- 24	2	6,6
10 -- 25	16	53,4
10 -- 26	2	6,6
12 -- 25	2	6,6
12 -- 20	3	10,0
12 -- 24	1	3,4
13 -- 19	3	10,0
15 -- 20	1	3,4
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A tabela 2 indica a idade dos entrevistados. A faixa etária das pessoas entrevistadas variou entre 11 a 24 anos. Sendo que a maioria dos jovens estava na idade de 17 e 23 anos, seguido de 12, 14, 15, 19, 16, 18, 20, 11, 13, 21 e 24 anos.

Tabela 2 – Distribuição e porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com a idade.

Idade (anos)	N° de jovens	%
11	1	3,4
12	3	10,0
13	1	3,4
14	3	10,0
15	3	10,0
16	2	6,6
17	4	13,3
18	2	6,6
19	3	10,0
20	2	6,6
21	1	3,4
23	4	13,3
24	1	3,4
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Os questionários foram preenchidos pelo entrevistador face a face com o entrevistado (Figura 2), condizente com o método de Michelat (1987). Este estudo se trata de uma pesquisa participante, que se define como uma investigação efetivada por meio da introdução e comunicação do pesquisador na comunidade (PERUZZO, 2017).

1.3. Análise de Dados

No que se refere à análise de dados, utilizou-se a quali-quantitativa. A análise qualitativa se refere à percepção dos atores locais sobre o fenômeno social que os cercam, e a análise quantitativa está relacionada aos levantamentos de dados numéricos relativos e percentuais relacionados com a permanência ou à saída dos jovens do campo e suas motivações para isso. Expressando as variáveis pesquisadas, com o foco no objetivo de pesquisa, os dados quantitativos possuem forma numérica e percentual. Visando a melhor ilustração de tais dados, esses foram apresentados em forma de tabelas e gráficos, considerando sempre a totalidade dos indivíduos envolvidos. Os dados quantitativos foram tabulados e sistematizados por meio do programa *Microsoft Office Excel*.

Os entrevistados assinaram um termo de autorização, para que os dados pesquisados sejam utilizados e demonstrados publicamente, com a finalidade de uso e divulgação do conteúdo disponibilizado pelos indivíduos envolvidos.

2. Resultados e Discussão

2.1. O Perfil dos Jovens

As localidades de nascimento dos jovens entrevistados foram: Sede do município de Santa Isabel (50,0%), comunidade do Espírito Santo do Itá (43,4%) e Macapá (6,6%), de acordo com a tabela 3.

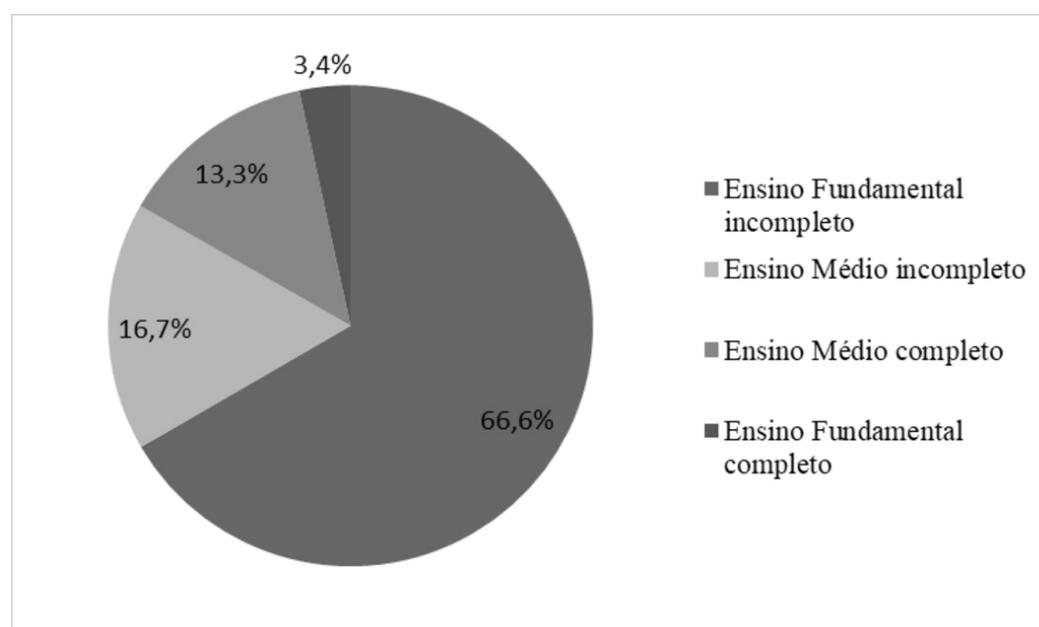
Tabela 3 – Localidades de nascimentos e porcentagens dos jovens entrevistados.

Localidades	N° de jovens	%
Santa Isabel	15	50,0
Comunidade	13	43,4
Macapá	2	6,6
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No que se refere ao grau de escolaridade, constatou-se que 66,6% dos jovens possuem o ensino fundamental incompleto, 16,7%, o ensino médio incompleto, 13,3%, o ensino médio completo e 3,4%, o ensino fundamental completo, como mostra a Figura 2. Uma vez que é válido ressaltar que a comunidade possui o grau de escolaridade até o ensino fundamental, ou seja, os jovens que possuem o ensino médio incompleto ou completo estudaram em escolas que residem fora da comunidade, como nas cidades de Belém e na Sede de Santa Isabel. De acordo com Ferreira (2019), uma parcela significativa dos jovens rurais com baixa escolaridade anseia em dar continuidade aos estudos e ter uma boa formação, visando a obtenção de um bom emprego e melhoria de qualidade de vida.

Figura 2 – Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com o grau de escolaridade.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019

Quando os entrevistados foram questionados a respeito de suas profissões, os mesmos afirmaram que são agricultores (93,4%), uma pessoa alegou ser jovem aprendiz (3,3%) e um jovem afirmou não possuir profissão (3,3%) (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição e porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com a profissão que possuem.

Profissão	Nº de jovens	%
Agricultor (a)	28	93,4
Jovem aprendiz	1	3,3
Não possuem	1	3,3
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Os jovens que possuem atividades no meio rural são aqueles que estão relacionados ao processamento de subprodutos da mandioca nas casas de farinha. Quando questionados sobre auxiliar os pais nas atividades de campo, a maioria dos jovens afirmou que realiza essa ajuda (86,7%) e alguns negaram, definindo 13,3% dos entrevistados (Tabela 5). De acordo com a pesquisa de campo realizada, observou-se que a maioria desses jovens estão inseridos em uma posição hierárquica de submissão com os pais, como afirma Castro (2005). Por outro lado, aqueles que negaram esse auxílio se recusam a dar continuidade aos trabalhos de campo realizados pelos pais, como aborda Spanevello (2011), não possuindo vocação para serem potenciais sucessores.

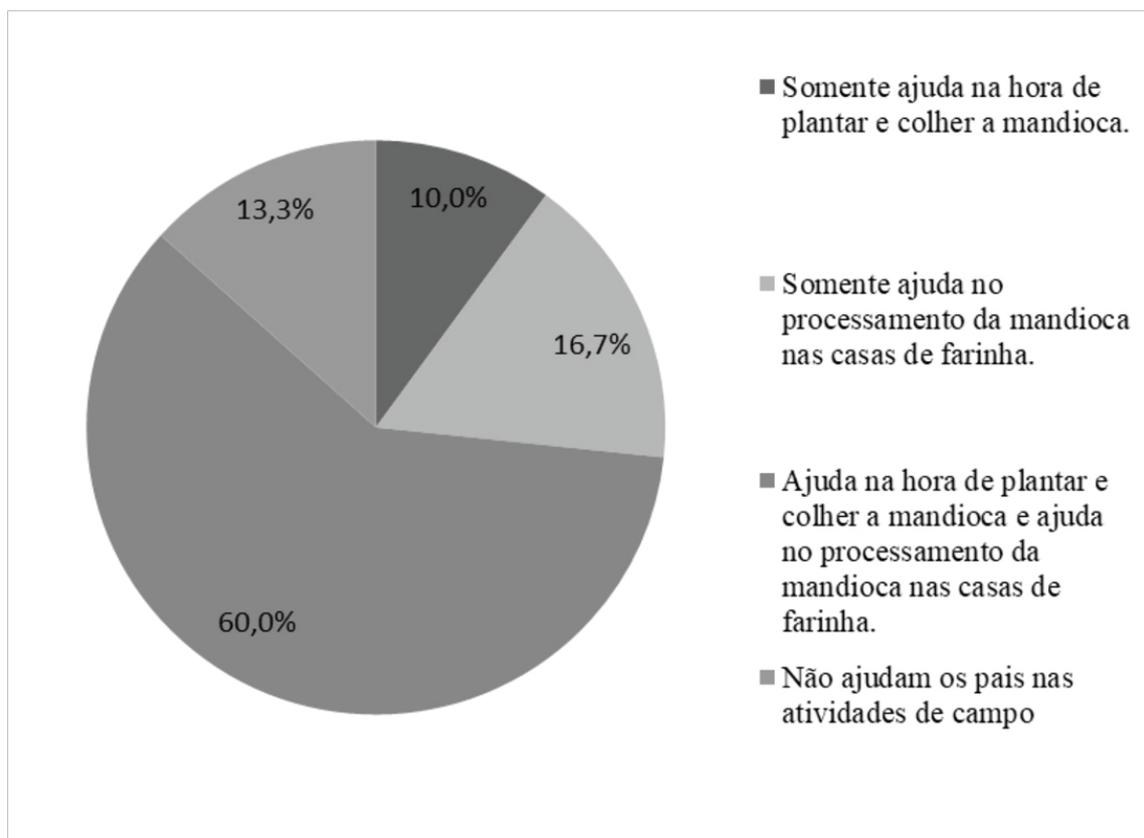
Tabela 5 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens de acordo com a prática de auxílio nas atividades de campo com os pais.

Respostas	Nº de jovens	%
Auxiliam	26	86,7
Não auxiliam	4	13,3
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Quando questionados sobre quais atividades eles realizam para auxiliar os pais no meio rural, as principais respostas foram: ajuda na hora de plantar e colher a mandioca e ajuda no processamento da mandioca nas casas de farinha (60,0%); somente ajuda no processamento da mandioca (16,7%) e somente ajuda na hora de plantar e colher a mandioca (10,0%). Porém, alguns jovens afirmaram não realizar esse auxílio de atividades de campo com os pais, constituindo 13,3% dos entrevistados (Figura 3).

Figura 3 – Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as atividades de campo que realizam para auxiliarem os pais nas atividades rurais.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Uma quantidade significativa de jovens afirmou que recebe remuneração no auxílio das atividades de campo com os pais (70,0%), não sendo entre eles um valor fixo a ser pago, e que pode variar de acordo com a venda dos subprodutos nas feiras da cidade de Santa Isabel e ao período de safra da mandioca. Porém, 16,7% dos jovens entrevistados afirmaram que não recebem qualquer remuneração neste auxílio (Tabela 6).

Tabela 6 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens sobre a ocorrência de remuneração nas atividades de campo de auxílio para os pais.

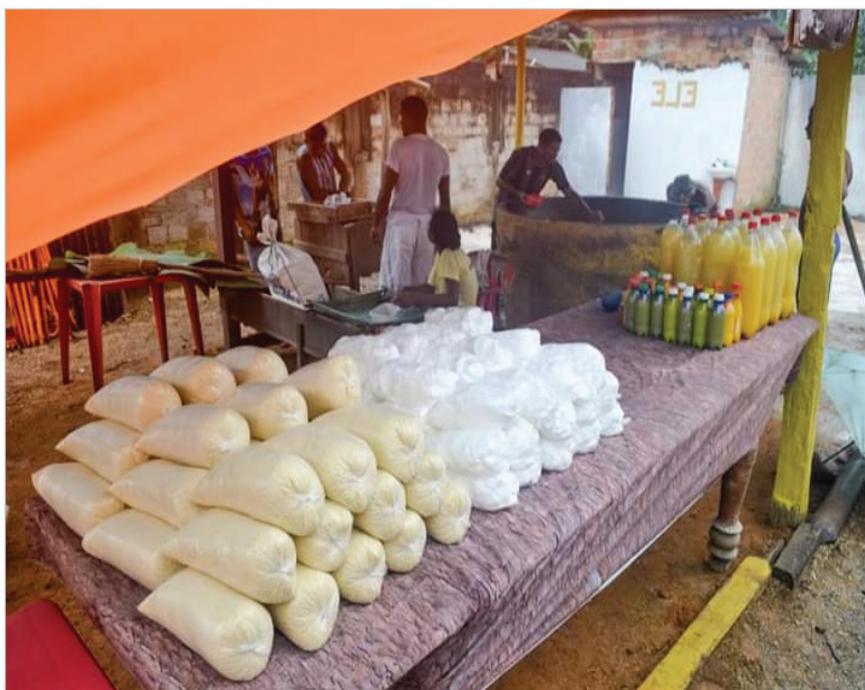
Respostas	Nº de jovens	%
Recebem remuneração	21	70,0
Não recebem remuneração	5	16,7
Não auxiliam os pais	4	13,3
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

2.2. A Participação dos Jovens no Processamento dos Subprodutos da Mandioca nas Casas de Farinha da Comunidade

De acordo com todos os jovens entrevistados, existem três tipos de farinhas produzidas na comunidade, sendo elas: farinha d'água, mista e seca. Podendo variar entre os subtipos: amarela e branca. Uma vez que essas variedades são obtidas por meio de diferentes métodos de processamento. A farinha d'água é feita por meio da fermentação e ao uso mais frequente da mandioca brava, ocasionando um produto com bem granulados. A mista é obtida mediante as misturas das massas de mandioca ralada e fermentada, antes da prensagem. A seca é obtida de raízes de mandioca secas à temperatura moderada ou alta. Os principais subprodutos da mandioca produzidos pela comunidade são: Goma, tucupi e farinha D'água (Figura 4). Como afirma Fernandes (2017), o Estado do Pará continua sendo o maior produtor nacional de mandioca, realizando, principalmente, a produção de farinha dos tipos: D'água, mista e seca.

Figura 4 – Subprodutos produzidos na comunidade e comercializados nas feiras da cidade de Santa Isabel (PA), como a farinha D'água, goma e tucupi.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No que se refere à comercialização desses subprodutos, todos os entrevistados afirmaram que as vendas são realizadas, principalmente, nas feiras da cidade de Santa Isabel (PA), e ocorre uma parcela pequena de comercialização dentro da comunidade, mas também as vendas são realizadas por meio de exportação para outros Estados ou países, juntamente com os subprodutos produzidos por outras comunidades vizinhas.

Quando perguntados sobre a participação nas etapas de processamento da mandioca nas casas de farinha, 28 jovens entrevistados alegaram participação nas atividades de processamento, e dois jovens negaram participação. A figura 5 mostra algumas etapas de preparação da farinha de mandioca.

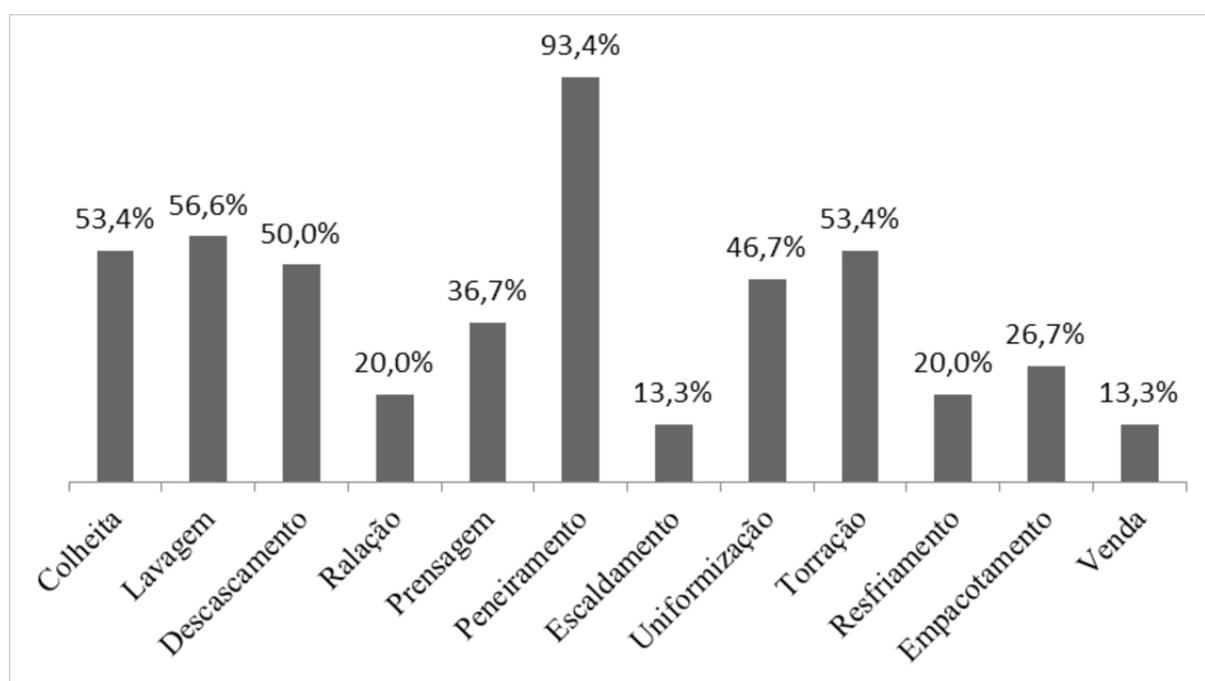
Figura 5 – Etapas do processamento da farinha de mandioca. Colheita das raízes de mandioca; Exclusão das raízes não saudias; Acondicionamento das raízes para o transporte em caixotes; Descascamento; Peneiramento; Escaldamento; Uniformização da farinha; Torração da farinha.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Os jovens entrevistados alegaram participar das seguintes etapas de processamento da farinha da mandioca: colheita (53,4%); lavagem (56,6%); descascamento (50,0%); ralação (20,0%); prensagem (36,7%); peneiramento (93,4%); escaldamento (13,3%); uniformização (46,7%); torração (53,4%); resfriamento (20,0%); empacotamento (26,7%) e venda (13,3%). Cada entrevistado relatou que realiza mais de uma etapa do processamento (Figura 6). Essas fases de produção são condizentes com as descritas por Almeida (2018), sendo que o autor aborda que essas etapas podem variar de acordo com a comunidade produtora. Dessa forma, observou-se que os jovens participam de todas as etapas do processamento dos subprodutos da mandioca. As casas de farinha artesanais da comunidade são os locais onde ocorre a maioria das fases do processamento realizadas de forma manual, com a utilização de utensílios rústicos, como afirma Modesto Júnior (2016).

Figura 6 - Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as etapas de processamento da farinha de mandioca que realizam.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Segundo Muller (2004), a noção de gênero nos debates sobre juventude é de extrema relevância, isto porque tanto gênero quanto juventude estão pautados num debate analítico e político que deve ser levado em consideração. De acordo com os jovens entrevistados, no processamento da farinha não ocorre divisão de tarefas por sexo. Porém, segundo as observações da pesquisa de campo realizada e a literatura existente, algumas atividades são efetuadas por meio da divisão de trabalho por gênero, como o processo de descascamento realizado pelas mulheres e a etapa de torração da farinha feita por homens (Figura 7). Esse contexto exemplifica o estudo realizado por Kergoat (2009), pois a autora afirma a existência da divisão sexual do trabalho em comunidades rurais brasileiras, abordando atividades de campo específicas para mulheres e homens. Dessa forma, percebe-se, no decorrer da pesquisa, que o processo de masculinização do campo descrito por Kischener (2015) não é uma realidade na comunidade, uma vez que as mulheres jovens possuem ativa participação nas atividades agrícolas nas casas de farinha.

Figura 7 – Produção da farinha de mandioca. Atividade de descascamento da mandioca na casa de farinha; Etapa de torração da farinha.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

63,3% dos entrevistados afirmaram que o processamento da farinha da mandioca na comunidade é uma boa oportunidade de trabalho para os jovens, pois eles alegaram que é um método de geração de renda e ocupação para a juventude da comunidade, por não possuírem outras opções de emprego na localidade.

Porém, existem 36,7% dos jovens entrevistados que não consideram as atividades das casas de farinha como uma boa oportunidade de trabalho para a juventude rural, pois eles afirmaram que os jovens da comunidade não gostam de trabalhar nas casas de farinhas, uma vez que somente trabalham nessas atividades por não terem outra opção de trabalho e renda. *“Acho que os jovens da comunidade deveriam buscar outras oportunidades de trabalho e renda, fora da comunidade com o objetivo de melhoria de qualidade de vida e qualificação profissional”* (Relato de um jovem de 22 anos, morador da comunidade). Observa-se que esses jovens não possuem uma percepção de empreendimento comercial que a cadeia da mandioca pode oferecer, como afirma Fernandes (2017).

Esse contexto exemplifica a pesquisa de Vantroba (2009), que afirma que a permanência do jovem no campo irá depender das oportunidades que lhes são apresentadas, como opções de emprego e renda. Porém muitos jovens realizam as atividades pelas obrigações da tradição familiar e por não terem outra oportunidade de trabalho, principalmente, pela ausência de qualificação profissional, o que foi observado no decorrer da pesquisa. Condizente com este contexto, Siqueira (2004) argumenta que a decisão dos jovens de migrar para a cidade, em busca de trabalhos que não sejam relacionados ao meio rural, é proveniente do crescente desejo dos filhos e filhas de agricultores em não reproduzir a ocupação e as atividades dos pais no campo, dessa forma, prejudicando a sucessão geracional no campo.

2.3. O Processo de Sucessão Geracional

Verificou-se que os jovens entrevistados afirmaram, em sua maioria, que gostam de morar na comunidade do Espírito Santo do Itá (93,4%), quando questionados se gostam ou não de residir na localidade (Tabela 7).

Tabela 7 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens a respeito se gostam de morar na comunidade ou não.

Respostas	Nº de jovens	%
Gostam de morar na comunidade	28	93,4
Não gostam de morar na comunidade	2	6,6
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Os jovens que afirmaram gostar de morar na comunidade abordaram os critérios de moradia, segurança e lazer. Considerando aspectos imateriais, como a tranquilidade. *“Gosto de morar na comunidade pela tranquilidade na moradia, falta de violência e acesso ao igarapé como minha principal forma de diversão”* (Relato de uma jovem de 21 anos, que reside na comunidade). Observa-se, neste caso, que o trabalho no campo não aparece como um critério de afinidade pelo lugar. Segundo Godoy (2009), existem diversos fatores que contribuem para a permanência dos jovens no meio rural, como a educação, o lazer e a cultura. O autor não configura o emprego ou trabalho no campo como principal ou único critério de estabilidade dos jovens no campo, mas considera um conjunto de iniciativas que devem ser feitas para contribuir para a melhoria das condições de vida dos mesmos.

Todavia, dois jovens afirmaram não gostar de morar na comunidade por motivos relacionados ao desejo de procurar oportunidades de trabalho em centros urbanos. *“Quero sair da comunidade para realizar os meus sonhos profissionais”* (Relato de uma jovem de 23 anos, moradora da comunidade). Os mesmos não destacaram nenhum motivo de afinidade de moradia na localidade.

Quando questionados se eles gostariam de realizar um planejamento de continuar morando na comunidade, a maioria dos jovens entrevistados afirmaram que desejariam continuar residindo na localidade (63,3%) pelos mesmos motivos que apreciam morar no lugar (Tabela 8). Porém, verifica-se que o número de entrevistados que querem se preparar para continuar residindo na comunidade é menor em relação aqueles que gostam de morar. Ou seja, gostar e querer ficar são aspectos bem diferenciados.

Tabela 8 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens a respeito se planejam continuar morando na comunidade ou não.

Respostas	Nº de jovens	%
Planejam continuar morando na comunidade	19	63,3
Não planejam continuar morando na comunidade	11	36,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Assim, percebe-se que tanto os jovens que querem persistir em morar na localidade, quanto aqueles que não desejam, não apresentam a “disposição” necessária, a qual o autor Brummer (2005) enfatiza que é necessário ter para dar continuidade às atividades agrícolas de seus pais. Uma

vez que o trabalho na agricultura familiar não é citado pelos entrevistados como critério de planejamento de moradia.

Esse contexto pode ser comparado com a pesquisa de Ferreira (2019), que realizou um estudo sobre jovens de algumas comunidades das ilhas do município de Abaetetuba (PA), e constatou que uma parcela desses jovens possui o desejo de permanência por motivos de lazer e ao desejo de viver na tranquilidade do meio rural e livre da “agitação” de quem reside na cidade. No mesmo contexto, Kischener (2015) considera que, apesar das condições negativas que muitas vezes são encontradas no campo, como a exposição às tarefas que exigem força e o desgaste muscular, alguns jovens preferem estar no campo. Segundo o autor, a qualidade de vida no campo, na maioria das vezes, é melhor do que na cidade, onde não ocorre garantia de melhoria de vida.

Os jovens que não planejam continuar morando na comunidade gostariam de ir morar nas Sedes dos municípios de Santa Isabel e Belém, com o objetivo de buscar oportunidades profissionais e a realização de "sonhos" nas cidades grandes. Da mesma forma, o estudo de Ferreira (2019) afirma que uma parte dos jovens moradores das comunidades das ilhas do município de Abaetetuba (PA) preferem estar na cidade e não mais no campo, devido à falta de oportunidades profissionais no meio rural. Segundo a pesquisa de Weisheimer (2009), os jovens realizam o processo de migração em busca de oportunidades de emprego e carteira assinada nas cidades, pois eles possuem a percepção de que as ocupações urbanas são melhores nos critérios de qualidade de vida e remuneração, em comparação às áreas rurais.

De acordo com a Tabela 9, constatou-se que os principais motivos que levam (ou levaram), os jovens a pensarem em sair da comunidade são: busca de oportunidade profissional em emprego que não está relacionado com o meio rural; e busca de independência financeira, trabalhando assalariado mensalmente (46,6%) e estudar para, mais tarde, retornar para a comunidade com mais qualificação e poder (16,7%). Porém, 36,7% dos jovens afirmaram não terem o desejo de sair da comunidade.

Tabela 9 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens sobre os principais motivos que levam (ou levaram) os mesmos a pensarem em sair da comunidade.

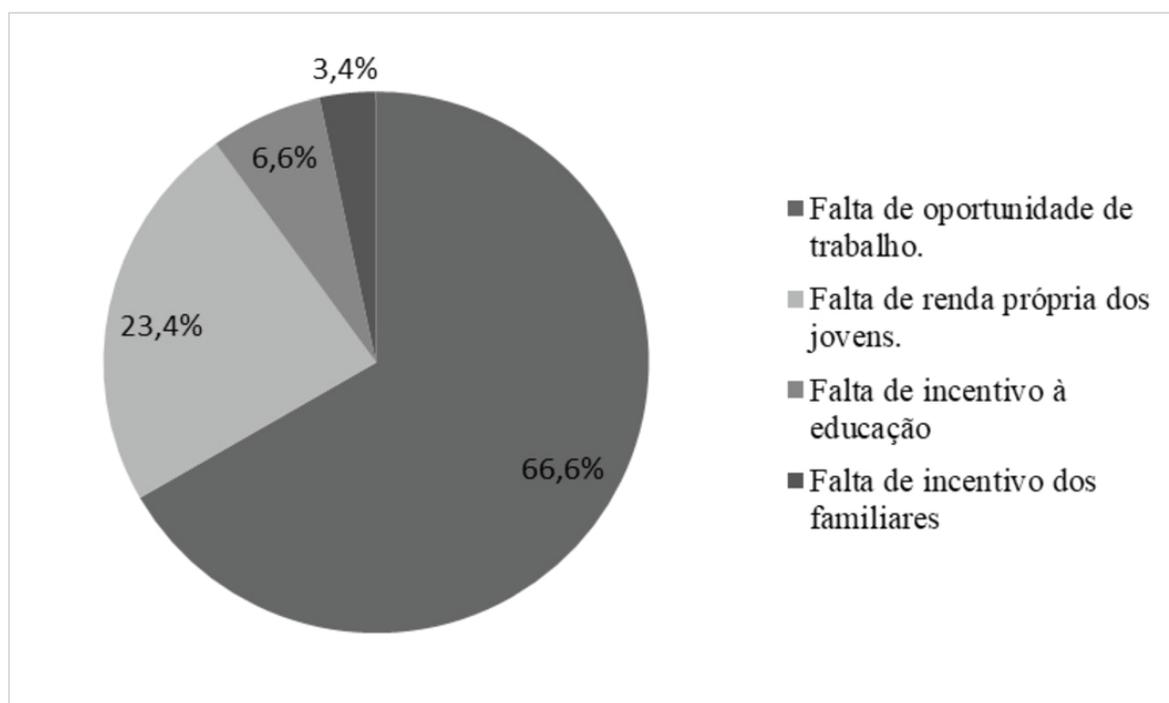
Respostas	Nº de jovens	%
Busca de oportunidade profissional em emprego que não está relacionado com o meio rural; e busca de independência financeira, trabalhando assalariado mensalmente.	14	46,6
Estudar para mais tarde retornar para a comunidade com mais qualificação e poder	5	16,7
Não pensa em sair da comunidade	11	36,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No que se refere à opinião dos jovens em relação à maior dificuldade encontrada pelos mesmos que vivem na comunidade, as principais respostas foram: Falta de oportunidade de trabalho (66,6%); falta de renda própria dos jovens (23,4%); falta de incentivo à educação (6,6%) e a falta de incentivo dos familiares (3,4%) (Figura 8). Dessa forma, percebe-se que os entrevistados somente

citam o trabalho como um dos aspectos negativos relacionados às maiores dificuldades encontradas pelos mesmos, no que concerne às oportunidades de emprego e renda. Sendo que a falta de estímulo à educação e a carência de encorajamento dos familiares também são citadas.

Figura 8 – Porcentagens dos jovens entrevistados em relação a opinião dos mesmos de acordo com a maior dificuldade encontrada pelos jovens que vivem na comunidade.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

De acordo com a opinião dos jovens em relação a qual alternativa faria com que melhorasse a vida do jovem na comunidade, todos os entrevistados abordaram a mesma alternativa: como sendo a inclusão de cursos profissionalizantes que auxiliassem a melhorar a atividade rural, e cursos profissionalizantes que não estivessem relacionados com as atividades rurais, como informática, estética, entre outros. A opinião desses jovens pode ser comparada com a pesquisa de Ruzany (2012), pois aborda que os jovens possuem o desejo de ter acesso à educação e às outras áreas de conhecimento, como a informática, sem deixar de permanecer na localidade rural, o que permitiria uma inclusão de um conhecimento ilimitado e desconhecido para o meio rural.

Quando perguntados se os jovens acreditam que a agricultura familiar irá crescer ainda mais na comunidade e isso irá contribuir para a sua permanência, a maioria dos jovens afirmou que “Sim” (63,3%) e outra parte dos entrevistados, constituindo 36,7%, disseram que “Não” (Tabela 10). Os resultados coincidiram com as respostas dos jovens que planejam ou não continuar morando na comunidade e com aqueles que acreditam ou não que o processamento da mandioca nas casas de farinha é uma boa oportunidade de trabalho, configurando, dessa forma, uma concordância nas respostas. Porém, observou-se no decorrer da pesquisa o desejo da maioria dos jovens em sair da comunidade para buscar oportunidades profissionais nas cidades pelo fato de não considerarem as atividades agrícolas da localidade como uma boa oportunidade de trabalho, mesmo que a maioria as pratique por falta de outras opções de emprego.

Tabela 10 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens em relação se o jovem acredita que a agricultura familiar irá crescer ainda mais na localidade e isso irá contribuir para a sua permanência na comunidade.

Respostas	Quantidade de jovens	%
Acreditam	19	63,3
Não acreditam	11	36,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Os entrevistados que afirmaram, abordaram que isso irá favorecer para a geração de mais oportunidades de renda para os jovens que residem na comunidade, caso os mesmos não consigam encontrar boas oportunidades de trabalho nas cidades. Aqueles que negaram disseram que possuem o desejo de sair da comunidade para morar nos centros urbanos na busca de qualificação profissional. O desejo de sair desses jovens pode ser explicado por meio da pesquisa de Brumer (2007), pois afirma que, para a categoria dos jovens rurais, os principais fatores motivadores para a saída do campo estão relacionados às incertezas de rentabilidade, o que foi observado no decorrer da pesquisa. Ainda segundo a autora, a preocupação no que se refere aos aspectos estruturais que definem o lugar e o papel da juventude rural, que delimitam a liberdade de escolhas dos jovens, é recorrente na literatura sobre juventude rural. Portanto, nota-se que o aspecto econômico está ligado aos principais motivos que levam os jovens a permanecerem ou não no campo, uma vez que limitações econômicas ainda persistem no meio rural.

No que se refere às perspectivas dos jovens em relação ao futuro na comunidade, os entrevistados abordaram as seguintes respostas: boas, irei permanecer por mais um tempo e depois decido se continuo ou não (63,3%); e ótimas, irei continuar/voltar a trabalhar na agricultura e dar continuidade à atividade desenvolvida pelos meus pais (36,7%) (Tabela 11). Observou-se que os entrevistados tiveram dúvidas nessas respostas, dessa forma, constatando uma incerteza em relação à permanência no campo.

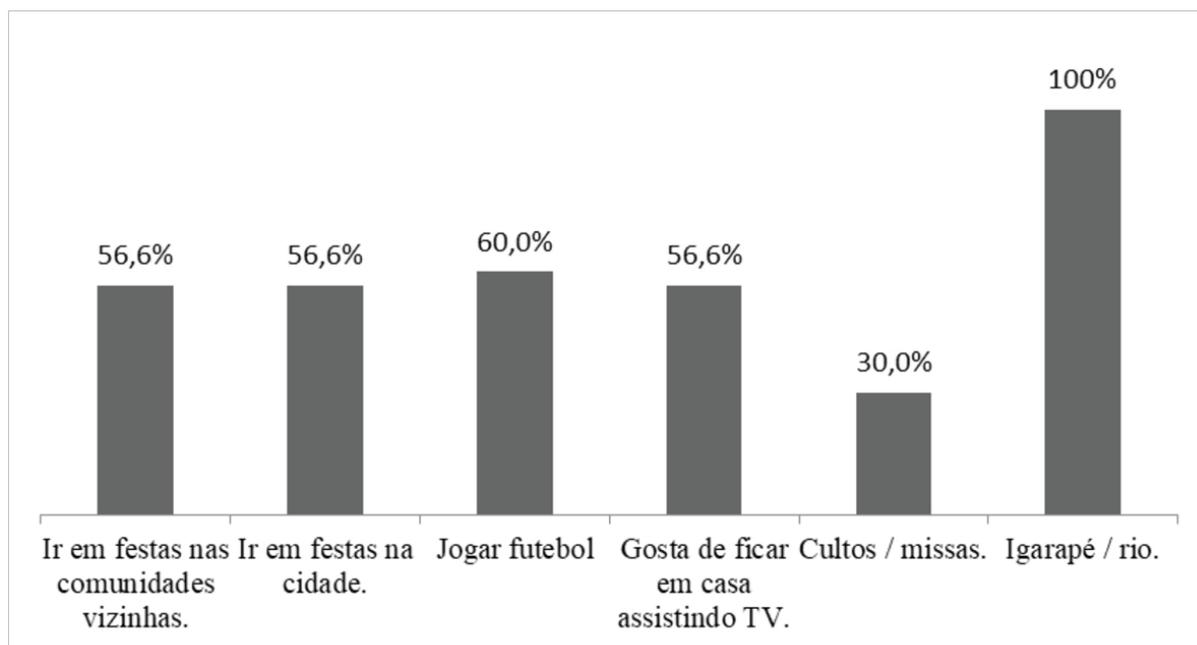
Tabela 11 – Respostas dos jovens entrevistados e porcentagens em relação às perspectivas dos jovens em relação ao seu futuro na comunidade.

Respostas	Nº de jovens	%
boas, irei permanecer por mais um tempo e depois decido se continuo ou não.	19	63,3
ótimas, irei continuar/voltar a trabalhar na agricultura e dar continuidade à atividade desenvolvida pelos meus pais.	11	36,7
Total	30	100

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

No que se refere à forma de lazer predileto dos entrevistados, eles abordaram que as principais formas de lazer são: ter acesso ao igarapé ou rio próximos da comunidade (100%); ir em festas nas comunidades vizinhas (56,6%); ir em festas nas cidades (56,6%); jogar futebol (60,0%); assistir televisão (56,6%) e frequentar cultos ou missas (30,0%). Sendo que cada jovem entrevistado abordou mais de uma resposta como forma de lazer predileto (Figura 9). Portanto, todos os entrevistados afirmaram que o acesso ao igarapé ou rio próximos da comunidade se configura como a principal forma de lazer dos jovens da comunidade (Figura 10).

Figura 9 – Porcentagens dos jovens entrevistados de acordo com as suas respostas em relação às formas de lazeres prediletos dos mesmos.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Figura 10 – Vista do igarapé na comunidade.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Dessa forma, de acordo com Kummer (2013), os jovens moradores de comunidades rurais realizam uma valorização dos espaços rurais no que se refere à apreciação da natureza local como principais formas de diversão.

CONCLUSÃO

Por meio das análises dos dados coletados, é possível afirmar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Dessa forma, observou-se que, para a geração atual da comunidade estudada, o perfil da maioria dos jovens é caracterizado pela ativa participação nas atividades do meio rural relacionadas ao processamento dos subprodutos da mandioca nas casas de farinha. Uma vez que a maioria desses jovens auxilia os pais nas atividades de campo.

Outro ponto importante que foi analisado no decorrer da pesquisa, é que os jovens entrevistados não percebem a divisão sexual de trabalho que acontece na comunidade, uma vez que, na localidade, ocorre a ausência da masculinização do campo, devido a ativa participação das mulheres jovens nas atividades de processamento nas casas de farinha.

A maioria dos jovens entrevistados afirmam que as atividades nas casas de farinha são uma boa oportunidade de trabalho e renda para a juventude rural, pela falta de outras opções de empregos neste meio. A outra parcela dos entrevistados, que negaram, também aborda que existe uma carência de oportunidades de trabalho para os jovens da comunidade, e, por isso, a maioria deles realizam atividades nas casas de farinha, por não terem outra escolha. Dessa forma, todos os entrevistados possuem percepções parecidas em relação às atividades agrícolas, por não as considerarem como prioridade de escolha.

Um dos principais motivos que levam os jovens a pensarem em sair da comunidade é a busca de oportunidades profissionais. Por outro lado, a grande maioria dos entrevistados afirma que gosta de morar na comunidade e uma parcela significativa planeja continuar residindo na localidade por motivos de tranquilidade, segurança e lazer. Não configurando o trabalho de campo como motivo de permanência. Dessa forma, pode-se averiguar que os jovens da comunidade não estão dispostos a realizar a sucessão geracional das atividades agrícolas de forma espontânea, mas, sim, de forma induzida ou forçada, por não terem outra oportunidade de trabalho.

Portanto, nesta pesquisa, é possível analisar a juventude rural de uma comunidade periférica por meio dos desejos, realidades e perspectivas para o futuro. A maioria dos entrevistados são pessoas que almejam melhorar a qualidade de vida por meio da qualificação profissional. Porém, muitos desafios persistem para a saída dos jovens da comunidade. Uma das principais dificuldades apontada pelos mesmos é a falta de oportunidade de trabalho. Logo, por mais que a maioria dos jovens tenha afinidade de morar na comunidade, os mesmos possuem o desejo de sair para alcançar realizações profissionais. Portanto, é notório perceber que tratam-se de jovens com muitas vontades, desejos e perspectivas de um futuro melhor. Dessa forma, existem possibilidades de maiores estudos no que se refere à juventude rural, como a avaliação de políticas públicas voltadas para essa categoria social e a análise da organização dos jovens no contexto da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In.: ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. 2007.
- ALMEIDA, C. O et al. *Produção de mandioca no Brasil: o desafio do incremento de produtividade com preservação de solos*. Cruz das Almas, BA: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2018. 36 p. (Documentos, 224).
- BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.35-51.
- BRUMER, A.; PANDOLFO, C.G; CORADINI, L. *Gênero e agricultura familiar: projetos de jovens filhos de agricultores familiares na Região Sul do Brasil*. Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência, poder. Florianópolis, 2005.
- CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 9, n.1, p.22-55, 2001.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.
- DINIZ, Fábio Homero; BERNARDO, William Fernandes; Teixeira, Sérgio Rustichelli; MOREIRA, Marne Sidney de Paula Moreira. Sucessão na Agricultura Familiar – Desafios e perspectivas para propriedades leiteiras. In: *Alternativas para a produção sustentável da Amazônia*. Brasília, DF: Embrapa, 2013.
- FERNANDES, G. L. C. *Análises gráficas dos principais produtos agropecuários do Estado do Pará: Cultura da mandioca*. 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/documents/1354300/32272142/An%C3%A1lise+de+Cen%C3%A1rios+-+Mandioca/a23876b7-97ba-aff7-8c95-5dd1578cbe12>>. Acesso em: 21 de Set. 2019.
- FERREIRA, E. M. *Entre o Campo e a Cidade: O Jovem Ribeirinho e suas Relações com o Processo de Migração na Região das Ilhas de Abaetetuba/PA*. 2019. Dissertação (Mestrado). Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia – Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- GODOY, Cristiane Maria Tonetto; PÉREZ, Flávia Inês Carvajal; WIZNIEWSKY, Jose Geraldo; GUEDES, Ana Cecília; MORAES, Cleia Dos Santos. *Juventude rural, envelhecimento e o papel da aposentadoria no meio rural: A realidade do município de Santa Rosa/RS*. Campo Grande, 2009.
- GOLGHER, A. B. *Diálogos com o ensino médio 3: o estudante jovem no Brasil e a inserção no mercado de trabalho*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.
- KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; et al. (orgs.). *Dicionário crítico feminino*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 67-76.
- KISCHENER, Manoel Adir; KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel Angelo. *Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais*. Mundo Agrário, 16 (33), 2015.
- KUMMER, R. *Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de cerro azul, palma sola/sc*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNIOESTE, Toledo/PR. 2013.

- MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. (Org.). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis, 1987. P.191-211.
- MODESTO JUNIOR, M. S.; ALVES, R. N. B. Produção de farinha de mandioca e farinha de tapioca no estado do Pará com oportunidades de negócios para empreendedores e agricultores na Amazônia. In: DENARDIN, V. F.; KOMARCHESKI, R. (Org.). *Farinheiras do Brasil: Tradição, cultura e perspectivas da produção familiar de farinha de mandioca*. Matinhos: UFPR Litoral, 2016. p. 297.
- MULLER, E. Juventude e algumas questões e relações de gênero. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades: Dossiê Gênero*, n. 11, v. 5, jul./set. 2004. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme>. Acesso em: 29 out. 2020.
- PERUZZO, C. M. K. *Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação*. Vol. XXIII. Número Especial III, Colima, primavera 2017, pp. 161-190.
- RUZANY, M. H.; MOURA, E. A. F.; MEIRELLES, Z. V. *Adolescentes e jovens de populações ribeirinhas na Amazônia – Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Visão Social, 2012. 144p.
- SALOMÃO, G. N.; SALOMÃO, B. H. N.; SERRÃO, I. C. G.; ABREU, F. A. M. *Análises de constituintes maiores de águas subterrâneas na região de Espírito Santo do Itá, município de Santa Isabel, Pará, Brasil*. V Simpósio de Estudos e Pesquisas em Ciências Ambientais na Amazônia. ISSN 2316 – 7637. 2016.
- SIQUEIRA, Luiza Helena Schwantz de Siqueira. *As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. (Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Rural).
- SPANEVERELLO, R. M. *A dinâmica sucessória na agricultura familiar*. 2008. Tese de Doutorado. (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SPANEVERELLO, R. M.; AZEVEDO, L. F.; VARGAS, L. P.; MATTE, A. A migração juvenil e as implicações sucessórias na agricultura familiar. *Revista de Ciências Humanas (UFSC)*, v. 45, p. 291-304, 2011.
- STROPASOLAS, V. L. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis - SC: UFSC, 2006.
- VANTROBA, E. A.; *Necessidades e perspectivas para a permanência do jovem do campo no seu ambiente*. Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Irati, 2009.
- WEISHEIMER, N. *A situação juvenil na agricultura familiar*. 2009. 331 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.